

# Nos bastidores da ópera

## Por Paolo Pinamonti

Hamjō, ópera de Toshio Hosokawa © Elisabeth Carechchio



definição da personagem, porque tal definição não é pacífica e sem problemas.

Uma das grandes diferenças entre as óperas dos séculos XVII e XVIII e as óperas de épocas sucessivas, reside mesmo na definição das personagens. Poderíamos dizer que, na origem, a ideia moderna das personagens não existe. Pelo contrário, as personagens são simples veículos dos afectos, são os lugares onde se manifesta uma emoção na sua abstracção.

Com o nascimento do género cómico assistimos pela primeira vez a uma definição musical dos diferentes caracteres. E não só por uma razão social – os homens e as mulheres do povo não podem sentir a nobreza dos afectos que agitam as almas heróicas das personagens da ópera séria –, mas também por uma razão musical. Eles actuam, mais do que pensar ou sentir, cantam em conjunto. Assim, pondo diferentes personagens a cantar em simultâneo nos *duetti*, *terzetti*, *quartetti* e finais é claro que a diferença dos timbres é fundamental.

A revolução do teatro mozartiano marcou a entrada na visão moderna das personagens. Não mais personagens abstractas, mas seres concretos, relativamente aos quais o canto identifica não só um estado de alma, mas as características culturais e sociais de cada um.

Paolo Pinamonti (1958) é professor de Elementos de História do Concertismo e de História da Música Contemporânea na Universidade Ca'Foscari de Veneza. A par do trabalho científico, desenvolveu actividade no campo da organização artística. De 1997 a 2000 foi Director Artístico do Teatro la Fenice de Veneza e de 2001 a 2007 foi Director do Teatro Nacional de São Carlos. Desde 2007 é Director Artístico do Festival Mozart na Corunha, Galiza.

**5 de Janeiro**  
Canto, afecto, personagem

**12 de Janeiro**  
A *Literaturoper*, quando desaparece o libretista

**19 de Janeiro**  
O 'teatro de encenação', existe ou não uma tradição na encenação da ópera lírica?

**26 de Janeiro**  
Teatro de repertório, teatro a *stagione*, festival: qual o futuro do teatro lírico?

No ciclo de conferências do ano passado fiz uma rápida viagem através dos vários significados que a *opera in musica* assumiu no curso da sua larga história. Procurei definir a especificidade de uma forma de teatro no qual as personagens, em vez de falar, cantam, cantam entre elas e cantam também quando reflectem consigo próprias, a sós; analisaram-se as complicadas relações entre palavra e música, entre os libretos e a partitura musical;

tentou definir-se a particular capacidade narrativa de uma ópera entre imitação e narração. Agora, no ciclo intitulado *Nos bastidores da ópera*, a ideia é a de entrar na oficina do teatro musical, enfrentando específicos temas deste fascinante mundo, o mundo da ópera lírica que, apesar do recorrente tema de uma crise que desde sempre o acompanha, manteve e mantém uma grande vitalidade.

Paolo Pinamonti

**5 de Janeiro**  
Canto, afecto, personagem

Como já tínhamos amplamente debatido nas palestras do ano passado, na ópera o valor expressivo não é o simples somatório de diferentes códigos comunicativos – o código verbal, o código musical, o código visual representativo –, mas o resultado de uma relação articulada, rica e complexa, onde naturalmente à música cabe o papel mais importante, um papel que altera o estatuto expressivo da ópera.

Tentamos hoje acompanhar esta rica articulação expressiva da ópera na sua

TERÇAS-FEIRAS 5, 12, 19 E 26 DE JANEIRO DE 2010 · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO